

Hospital paulista usa sistema inteligente para avaliar pacientes de UTI

por Carlos Fioravanti
de São Paulo

Os primeiros resultados do programa de computador ("software") que o Hospital Israelita Albert Einstein implantou em janeiro para armazenar e analisar diagnósticos e calcular índices de gravidade de pacientes internados na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) serão apresentados durante o I Congresso Paulista de Terapia Intensiva, de 22 a 25 deste mês em São Paulo. Trata-se de um programa inédito no país, segundo Meide Anção, médico nefrologista que coordenou o projeto ao lado de Janete Livianu, médica especializada em terapia intensiva.

Desenvolvido nos últimos dois anos em conjunto com o Centro de Informática da Escola Paulista de Medicina, esse programa é baseado em dois padrões — o Apache II e o Tiss, usados internacionalmente. O primeiro avalia o estado de gravidade do paciente nas primeiras 24 horas de internação, através de diagnósticos, sinais vitais e exames laboratoriais, enquanto o segundo, que pode ser utilizado diariamente, leva em conta os procedimentos médicos adotados. Ambos emitem resultados que traduzem o risco de morte do paciente.

Tanto o Apache quanto o Tiss, padrões criados nos Estados Unidos, estão passando por reformulações para se adaptarem à realidade brasileira. São mudanças que, segundo Anção, tornam a versão nacional um programa semi-inteligente, capaz de tomar decisões a partir de informações armazenadas por médicos, ao passo que nos Estados Unidos, onde os programas são vendidos a US\$ 1.500, limitam-se a receber dados e os diagnósti-

cos ficam por conta das enfermeiras. No caso do Tiss, a equipe brasileira incluiu mais 10 procedimentos, como eletroencefalograma contínuo e ultrafiltração isolada, aos 50 já adotados.

Anção acredita ser possível chegar a índices próprios do Brasil nos próximos dois anos. Para isso, o "software" que funciona em microcomputadores IBM-PC de 140 kbytes de memória será distribuído para os hospitais interessados, surgindo daí a base de dados necessária para um levantamento abrangente dos índices de gravidade e intervenções médicas nas UTIs. Depois do Albert Einstein, o próximo a implantar o programa será o Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, no começo de maio. Segundo Anção, existem contatos também de hospitais da rede pública, onde o programa terá ainda função seletiva, determinando quais pacientes precisam de fato de cuidados na UTI. "Na rede pública, os médicos têm mais autonomia em aceitar ou não pacientes na UTI do que na rede particular", disse.

No Albert Einstein, o programa já funciona como instrumento de apoio a decisões médicas e deverá ter um uso mais intensivo nos próximos dois meses. Por enquanto, não houve problemas em adotar os padrões de avaliação internacionais, segundo Anção, já que os pacientes desse hospital, um dos mais bem equipados da América Latina, estão entre os de maior poder aquisitivo. Para ele, o impacto maior, exigindo alterações profundas no programa, será na rede pública, que atende a outra faixa da população com outras patologias. Nesse caso, será usado principalmente para coletar dados dos pacientes.